

# Algumas observações sobre a prosódia da representação do discurso outro (RDA)

Jael Sigales Sânera Gonçalves

UCPEL

**Resumo:** A proposta deste artigo é apresentar evidências de que o estatuto prosódico deve ser tomado para análise da Representação do Discurso Outro (RDA). No campo das heterogeneidades enunciativas, Authier-Revuz (2004) propôs que o discurso relatado seja tratado em termos de zonas de RDA, as quais dependem do estatuto semântico, do estatuto semiótico e da ancoragem sintático-enunciativa. Este estudo, cujo corpus foi constituído com enunciados do discurso jurídico, focalizou o modo como a RDA de um texto escrito-a-ser-lido (X) foi lido em voz alta no texto lido-a-ser-transcrito (Y). Foram identificadas diferenças entre o que estava preparado em (X) e o que foi lido em (Y), o que sugere a necessidade de se considerar o estatuto prosódico para o estudo da RDA quando a materialidade tomada para análise é a voz.

**Palavras-chave:** : Representação do Discurso Outro; Prosódia; Discurso Jurídico.

**Title:** Some notes on the prosody of representation of the other's discourse (RDA)

**Abstract:** The purpose of this article is to present evidence that the prosodic status should be taken into account in order to analyse the Representation of the Other's Discourse (RDA). In the field of enunciative heterogeneities, Authier-Revuz (2004) proposed that the reported speech is treated in terms of zones of RDA that depend on semantic status, semiotic status, and enunciative-syntactic anchorage. This study, whose corpus has been built with enunciates of the legal discourse, focused on the way the RDA of a written-to-be-read text (X) has been read

out loud in the read-to-be-transcribed (Y). Differences between what has been prepared in (X) and what has been read in (Y) were identified, which suggests the need for considering the prosodic status to study the RDA when the materiality taken in the analysis is the voice.

**Keywords:** Representation of Other's Discourse (RDA); Prosody; Legal Discourse.

## Introdução

A sistematização feita por Authier-Revuz (2008;no prelo) no campo da metadiscursividade evidencia que a combinação de aspectos semióticos, semânticos e de ancoragem enunciativa pode resultar em diferentes zonas de Representação do Discurso Outro (RDA, do francês Représentation du Discours Autre). A autora destaca também a possibilidade de existir, no mesmo enunciado, mais de uma forma de representação, originandoa RDA complexa. É o que acontece, por exemplo, em “Conforme Flaubert, testar a 'sonoridade das palavras' é necessário a quem tem a ambição de uma verdadeira escritura” (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 112-113), em que o enunciado é modalizado pelo sintagma modalizador e, ainda, apresenta, em uso e menção, o empréstimo textual “sonoridade das palavras”, caracterizando uma “ilhota textual”, nesse caso, marcada tipograficamente pelas aspas (AUTHIER-REVUZ, 1978; 2004). Nesse contexto, o presente estudo situa-se em um lugar particular na medida em que, tomando a voz como materialidade discursiva, tem o objetivo de analisar prosodicamenteos empréstimos textuais, ou seja, as ilhotas textuais na Representação do Discurso Outro.

Ao tomar a voz como materialidade para a análise da RDA, o presente estudo situa-se no encontro entre a Enunciação e Análise de Discurso de abordagem materialista proposta por Pêcheux (2010). Isso porque, no campo amplo da metadiscursividade, a RDA coloca no centro das discussões os modos como o discurso outro é representado no discurso um, de modo a materializar a ilusão subjetiva do sujeito que o faz determinar os limites do que seja ou não seja seu.

Nesta proposta de articulação entre Enunciação e Análise de Discurso, o estudo conduz à reflexão sobre as contribuições da voz, especialmente da prosódia, para a análise de formas de representar o discurso outro no fio do discurso. A análise da voz na RDA, especialmente da prosódia, pode oferecer pistas linguísticas das redes de memória que, por efeito ideológico, constituem a produção dos sentidos e irrompem na cadeia significativa como falta, excesso e/ou estranhamentos (ERNST, 2009). Com isso, o estudo aproxima-se de literatura que, inspirada por Souza (2000), vem buscando considerar a voz como materialidade para a análise de processos discursivos (DOROW, 2013; VINHAS, 2014; SIGALES-GONÇALVES, 2017).

Neste estudo, entendemos por análise prosódica da voz o estudo suprasegmental da fonologia da língua (NESPOR; VOGEL, 1986), que pode ser realizado tanto do ponto de vista fonológico como do ponto de vista fonético. A análise limita-se a características suprasegmentais da Representação do Discurso Outro em seu aspecto fonético, cuidando das características acústicas da fala (BARBOSA; MADUREIRA, 2015).

O corpus deste estudo é constituído por enunciados proferidos pelo Ministro-relator da Ação Penal 470, levada ao Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) em 2012 para ser julgada como o maior escândalo de corrupção no Brasil, conhecido como “Caso Mensalão”. Dos cinco meses de julgamento, interessam-nos os enunciados em que o Ministro-Relator faz o Relatório da Ação Penal. É no Relatório que o Ministro relata os dizeres da acusação na peça acusatória, no que chamamos de “Relatório-Denúncia”, e os dizeres dos réus e seus representantes, no que chamamos de “Relatório-Instrução Probatória”. O foco desta análise é a prosódia dos empréstimos textuais na Representação do Discurso Outro do Relatório-Denúncia.

Cada enunciado que constitui o corpus apresenta-se em dois tipos diferentes de texto: o texto escrito-a-ser-lido (X) e o texto lido-a-ser-transcrito (Y). No texto escrito-a-ser-lido (X), consta o que estava preparado pelo Ministro-relator para ser lido no Plenário da Corte; no texto lido-a-ser-transcrito (Y), consta o que, de fato, foi lido em voz alta pelo Ministro-Relator. O texto (X) foi obtido a partir do acesso ao Acórdão da Ação Penal,

em que devem constar os votos preparados pelos Ministros para serem lidos na Corte e a transcrição do que foi dito sem preparação. Já o texto (Y) foi obtido mediante acesso aos vídeos das sessões de julgamento transmitidas via TV Justiça e divulgadas no canal oficial do STF no YouTube.

Compreendemos que a publicação do Acórdão e a transmissão oficial das sessões plenárias do STF são mecanismos de divulgação jurídica na sociedade espetacular, descrita por Debord (2012) como aquela em que o espetáculo funciona como instrumento unificador entre o parecer, o ter e o ser. Por “divulgação jurídica”, conforme propõe Sigales-Gonçalves (2017), entendemos o conjunto de práticas discursivas de produção e reprodução de rituais no aparelho jurídico que têm como condão, no Estado de Direito, simular a circulação democrática e transparente de sentidos.

As observações que fazemos aqui sobre a prosódia da Representação do Discurso Outro consideram, então, a relação entre (X) e (Y). Focamos nossa análise nos empréstimos textuais feitos pelos Ministro-Relator; os questionamentos que norteiam a análise são estes:

- 1) Como os empréstimos textuais são marcados no texto escrito-a-ser-lido (X)?
- 2) Como a marcação prevista no texto escrito-a-ser-lido (X) é oralizada no texto lido-a-ser-transcrito (Y)?
- 3) Qual(is) aspecto(s) fonético-prosódico(s) caracterizam os empréstimos textuais?

Ao buscar respostas para tais questionamentos, o presente estudo apresenta evidências de que a tomada da voz em seu aspecto fonético-prosódico traz contribuições fundamentais para o estudo das formas de Representação do Discurso Outro. Além disso, considerando os excessos prosódicos da voz, o estudo abre caminho para a análise do funcionamento discursivo das representações em práticas discursivas de divulgação jurídica.

## 1. A Representação do Discurso Outro e suas heterogeneidades

### 1.1 *Do “Discurso Relatado” à Representação do Discurso Outro*

A expressão “Representação do Discurso Outro” foi tecida por Authier-Revuz (2008;no prelo) como uma proposta de substituição da expressão “discurso relatado”, que indicava as formas conhecidas, na gramática tradicional, como “discurso direto”, “discurso indireto” e “discurso indireto livre”. Observando o percurso de construção teórica da autora desde o início de sua obra, percebemos que a teorização sobre as formas de RDA segue, portanto, o estudo das formas do discurso relatado (AUTHIER-REVUZ, 1978), passando pela discussão sobre as aspas (AUTHIER-REVUZ, 1981) e alcançando a noção de heterogeneidades enunciativas (AUTHIER-REVUZ, 1982; 1984) que, mais tarde, foi fundamental ao estudo da modalização autonímica e das não-coincidências do dizer (AUTHIER-REVUZ, 1995).

Os aspectos enunciativos do desdobramento do dizer entre o dizer do um e o dizer do outro, nesse percurso, sempre estiveram no foco dos estudos de Authier-Revuz, mesmo que ainda não sob a designação de “Representação do Discurso Outro” enquanto construção teórica. Essa presença marcante da preocupação da autora com o desdobrar do dizer explica-se porque Authier-Revuz, assumidamente, traz para a Enunciação uma abordagem inspirada em dois pressupostos fundamentais.

Em primeiro lugar, Authier-Revuz considera, a partir da leitura do dialogismo de Bakhtin, que o outro, a interação com o discurso do outro, é condição constitutiva de todo discurso (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 68). Em segundo lugar, sob influência da psicanálise lacaniana, a autora assume que, além de ser atravessado pelo discurso do outro, todo discurso é também

atravessado pelo discurso do Outro, do inconsciente. O sujeito, para Authier-Revuz, é, então, heterogêneo, descentrado, uma vez que dividido pelo discursado inconsciente.

É com essa dupla inspiração que a autora propõe as noções de heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, alertando que

as formas da heterogeneidade mostrada, no discurso, não são um reflexo fiel, uma manifestação direta – mesmo parcial – da realidade incontornável que é a heterogeneidade constitutiva do discurso; elas são elementos da representação – fantasmática – que o locutor (se) dá de sua enunciação (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 70).

Authier-Revuz (2004) chama a atenção, portanto, para o fato de que a análise linguística da heterogeneidade mostrada não permite conclusões diretas sobre a heterogeneidade constitutiva do discurso; permite, porém, que se aprecie, no nível da enunciação, os níveis de distanciamento que o locutor estabelece entre o seu discurso e o discurso do outro. As formas de Discurso Relatado, enquanto formas de heterogeneidade mostrada, então, marcam a negociação do locutor com a heterogeneidade constitutiva, mas dela não é espelho. Discurso Direto, Discurso Indireto e Discurso Indireto Livre seriam, portanto, modos de o locutor negociar com a heterogeneidade que constitui seu discurso, estabelecendo com este maior ou menor grau de distanciamento e responsabilização, na ilusão subjetiva de separar o que é seu do que é do outro, de ser fonte e dono deste e não daquele dizer.

Essa trilogia terminológica (DD, DI, DIL), segundo Authier-Revuz (2008), é problemática por três razões que justificariam a maior adequação da expressão “Representação do Discurso Outro”. A primeira razão exposta pela autora diz respeito ao fato de a tripartição se esgotarem casos em que o ato de enunciação relatado aconteceu num tempo passado ao ato de enunciação que relata; não é suficiente, portanto, para explicar casos de

enunciados sem referente (1a), hipotéticos (1b) e/ou de acontecimentos futuros (1c) (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 108):

(1a) - Eu nunca disse...; etc.

(1b) - Seria bom que você dissesse...;

(1c) - Talvez encontraremos alguém que diga...

Os enunciados (1a), (1b) e (1c) têm estrutura sintática que os enquadraria como discurso indireto, inclusive com o verbo dicendi “dizer”, mas não se encaixam com facilidade àquele conceito de Discurso Relatado como ato de enunciação que relata outro ato de enunciação.

A segunda razão apontada por Authier-Revuz em favor do uso de “Representação do Discurso Outro” é o fato de a trilogia do “Discurso Relatado” não conseguir explicar enunciados cujo enunciado relatado não é objeto do enunciado que relata, mas, sim, fonte, como (2a) e (2b):

(2a)- João fez um longo passeio, segundo x;

(2b) - João disse que sua “vila” estava em mau estado.

Tais formas não podem ser enquadradas como discurso direto, discurso indireto ou discurso indireto livre. Nesses enunciados, o locutor fala a partir do discurso outro, tomando-o como fonte do dizer. Em (2a), tem-se o que Authier-Revuz (1998) chama de modalização em discurso segundo. Em (2b), há a modalização autonímica em discurso segundo, em que a palavra ou o modo de dizer de outro discurso é tomado como de empréstimo, levando Authier-Revuz à oposição entre signo-padrão e signo-autonímico. No caso da modalização autonímica, o signo aparece tanto

enquanto signo-padrão, em uso, como enquanto signo-autonímico, com mostração de palavras –“vila”, em (2b).

A terceira razão por que Authier-Revuz milita contra a expressão “Discurso Relatado” diz respeito ao fato de tal expressão apagar a oposição necessária entre Representação do Discurso Outro e Auto-representação do discurso se fazendo. O campo da metadiscursividade, em que estão ambas as representações, é multiplamente heterogêneo, e referir-se simplesmente a “Discurso Relatado” produz um efeito homogeneizante.

### *1.2 A heterogeneidade de formas da RDA*

Da leitura do trabalho de Authier-Revuz no campo da metadiscursividade, podemos afirmar que as heterogêneas zonas da Representação do Discurso Outro constituem-se a partir da combinação de cinco traços: (A) semântico (objeto do dizer vs. fonte do dizer), (B) semiótico (sem autonomização vs. com autonomização); (C) ancoragem enunciativa (única vs. distinta vs. compartilhada; (D) nível de marcação (marcação unívoca vs. marcação interpretativa vs. grau zero de marcação) ; e (E) complexidade da RDA (simples vs. complexa).

Apresentamos, primeiramente, os traços (A), (B) e (C). Dos traços (D) e (E) tratamos ao longo da exposição.

Quanto ao estatuto semântico (A), o discurso representado pode funcionar como predicação ou como modalização. No caso de funcionar como predicação, esse discurso representado é objeto do discurso se fazendo; o discurso se fazendo “fala do” discurso outro (DA) representado. Quando o discurso representado funciona como modalização, diferentemente, é fonte do discurso se fazendo, que, então, fala “a partir do” DA.

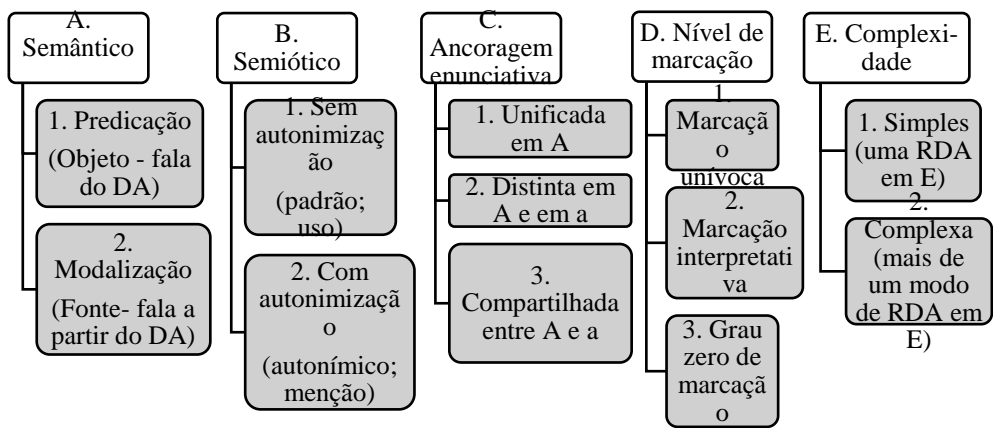
Quanto ao estatuto semiótico (B), o discurso outro pode estar representado de modo parafrástico, para uso, ordinário, sem



autonimização, sem mostraçãõ de palavras, ou com o estatuto autonímico, de mençãõ, de mostraçãõ das palavras.

Quanto à ancoragem enunciativa (C), Authier-Revuz destaca três possibilidades: (1) ancoragem sintática unificada entre o ato de enunciação do discurso outro (a) e o ato de enunciação se fazendo (A), em que (a) se integra a (A) sem rupturas no nível sintático; (2) ancoragem sintática disjunta entre (a) e (A), com dois planos sintáticos e seus respectivos embreantes de tempo, pessoa e lugar; (3) e ancoragem sintática “partilhada” entre os dois atos de enunciação (A) e (a).

A Figura 1 esquematiza essas possibilidades de configuração:



*Figura 1 - Esquema da Representação do Discurso Outro (RDA) em cinco traços, com base em Authier-Revuz (no prelo)*

Da combinação desses três aspectos, têm-se as “fórmulas” e as zonas da Representação do Discurso Outro (RDA), apresentadas no Quadro 1.

Fórmula	Zona da forma
---------	---------------

A1B1C1	Discurso Indireto ou integrado (DI)
A1B2C2	Discurso Direto (DD)
A2B1C1	Modalização da Asserção como Segunda (MAS)
A2B2C1	Modalização Autônômica de Empréstimo (MAE)
A1C1	Bivocal (Discurso Indireto Livre - DIL)

**Quadro 1 - Fórmulas e Zonas da Representação do Discurso Outro (RDA), segundo Authier-Revuz (2008; no prelo)**

A partir dessas considerações, então, podem-se distinguir as cinco zonas de RDA. Neste texto, daremos ênfase às quatro primeiras fórmulas, uma vez que são as que serão mobilizadas na análise.

*1.2.1 Discurso Direto (DD)*

O Discurso Direto (DD) distingue-se das outras zonas de RDA segundo três propriedades: (i) quanto à Fórmula, (ii) quanto ao Espaço das formas e (iii) quanto à Implantação dos efeitos de sentido. Quanto à Fórmula, reúne as características A1B2C2: (A1) - fala do discurso outro (DA), como objeto, predicação (e não a partir do, como modalização); (B2) com autonomia, mostraçã de palavras, menção (e não com transparência, uso ordinário); e (C2) tem dualidade enunciativa (não unificada ou compartilhada). No que diz respeito ao Espaço das formas de DD, este pode se realizar, segundo Authier-Revuz, como nas formas a seguir (2008, p. 112)

(3a) - Ele proclama: “Estou feliz”. (sobremarcação  
sintática + tipográfica)

(3b) - Estou feliz, proclama ele. (marcação sintática)

(3c) - Ele se regozija: “Estou feliz”. (marcação tipo gráfica + índice semântico)

(3d) - Ele se regozija. Estou feliz. (interpretativo com índice semântico).

(3e) - Ele chega. Estou feliz. Ele parte. (interpretativo, em função de um contexto mais amplo)

Tais enunciados permitem observar as diferenças entre níveis de marcação da RDA (traço D). Os enunciados (3a), (3b), (3c) têm marcação unívoca (D1), uma vez que marcados sintaticamente e semanticamente – com os verbos “proclamar”, em (3a) e (3b) e “regozija”, em (3c)–e/ou tipograficamente – com o uso das aspas, em (3a) e (3b). Diferentemente, a RDA nos enunciados (3d) e (3e) é de caráter interpretativo (D2), uma vez que se explicam em função da existência de índices semânticos do verbo “regozijar”, em (3d), e em função do contexto, em (3e).

Segundo Authier-Revuz (no prelo), o Discurso Direto é a forma de heterogeneidade mostrada marcada em que, por excelência, o distanciamento entre o Locutor e o discurso outro é máxima. Nos diferentes modos de marcar esse distanciamento, as formas de Discurso Direto relacionam-se à “implantação dos efeitos de sentido”, podendo produzir efeito de “teatralidade, distanciamento, identificação, textualidade, etc...” (AUTHIER-REVUZ, no prelo, p. 245).

### 1.2.2 *Discurso Indireto (DI)*

O Discurso Indireto reúne as características da fórmula A1B1C1: (A1), pois representa o enunciado do ato de enunciação (a) como objeto (fala do DA); (B1), porque tem funcionamento semiótico ordinário, parafrástico, de uso, sem mostraçã de palavras; e (C1), uma vez que tem ancoragem enunciativa única em (A). Os exemplos apresentados pela autora são os seguintes (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 111):

(4a)- Ele disse que viria. (forma 'clássica' com 'dizer que')

(4b) - Ele disse estar enganado. (forma nominal, no infinitivo)

(4c) - Ele anunciou seu retorno próximo. (forma nominal, descritiva do conteúdo do DA)

(4d) - Ele proferiu ameaças; Ele questionou muito. (forma nominal, especificadora do ato ilocutório de (a))

(4e) - Ele evocou sua juventude; eles falaram de carros. (forma nominal, especificadora do tema de (a))

(4f) - (Ele falou). ("grau zero" da RDA)

### 1.2.3 *Modalização da Asserção como Segunda (MAS)*

A Modalização da Asserção como Segunda (MAS) corresponde à fórmula A2B1C1: (A2) o ato de enunciação (a) é representado em (A) como fonte da asserção que se está enunciando, modalizando-a, (B1) de modo parafrástico, sem mostraçã de palavras e (C1) com ancoragem enunciativa unificada em (A). É ilustrada, por Authier-Revuz (2008, p. 112), pelas seguintes estruturas:

(5a) - Conforme I

(5b) - Segundo I

(5c) - Para I,

(5d) - Se se acredita I, P.

(5e) - Parece que P.

(5f) - P, parece.

(5g) - Ele estaria bem colocado nas eleições.

(5h) - Ele está, enfim é ele quem diz, bem colocado nas eleições.

#### 1.2.4 *Modalização Autônômica de Empréstimo (MAE)*

A Modalização Autônômica de Empréstimo (MAE), identificada pela fórmula A2B2C1, caracteriza-se pela representação do ato de enunciação (a) do discurso outro (A2) como fonte de algum segmento da cadeia enunciativa de (A), e esse segmento, de acordo com Authier-Revuz (no prelo), (B2) tem um funcionamento semiótico com autonomização e (C1) ancoragem enunciativa unificada no ato de enunciação (A). Em Authier-Revuz (2008, p. 112), revela-se uma “grande variedade de formas sintáticas e lexicais, em diversos patamares de explicitação” para a Representação do Discurso Outro (RDA) por MAE.

Authier-Revuz (2008) explica que a MAE tem diferentes patamares de explicitação, dos quais, para as pretensões deste estudo, interessa um. Trata-se do patamar em que a MAE acontece marcando, com alguma marca tipográfica (aspas e/ou itálico), uma modalização autônômica – ou seja, um desdobramento do signo em uso e em menção –, que deve ser interpretada como empréstimo, apenas. Assim, quanto ao nível de marcação (traço D), trata-se do caso em que há marcação unívoca (D1) – como na modalização autônômica apresentada no enunciado (2b). No polo oposto (D3), está o grau zero de marcação, em que a RDA é puramente interpretativa, caracterizando a alusão.

Este estudo propõe a análise prosódica dos empréstimos textuais, ou seja, ilhotas textuais de marcação unívoca identificadas em formas complexas de Representação do Discurso Outro.

### 1.3 *Representação do Discurso Outro complexa*

Além de tratar dos níveis de marcação (traço D) e dos estatutos semiótico (traço A), semântico (traço B) e de ancoragem enunciativa (traço C), Authier-Revuz aborda também a complexidade das formas de RDA (traço E), resultado do contato entre os modos de RDA, como se observa nos enunciados a seguir (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 112-113):

(7 a)- [...] o homem de frente do partido anunciou que havia “grandes chances de ele ser candidato à prefeitura”.

(7 b) - Conforme Flaubert, testar a “sonoridade das palavras” é necessário a quem tem a ambição de uma verdadeira escritura.

Em (7a), o Discurso Indireto caracterizado pela estrutura “anunciou que” está em contato com o empréstimo “Grandes chances de ele ser candidato à prefeitura”, constituindo, assim, uma forma de DI + MAE. Em (7b), junto à Modalização da Asserção como Segunda marcada pelo sintagma modalizador “Conforme Flaubert” está o empréstimo “sonoridade das palavras”, construindo a forma complexa MAS + MAE.

Trata-se de casos em que se configuram RDAs complexas (E2), nas quais os empréstimos textuais caracterizam o que Authier-Revuz chama de “ilhota textual” (AUTHIER-REVUZ, 1978), que aparece com frequência tanto oralmente, “com entoação de distanciamento correspondendo às aspas” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 192), quanto na escrita.

Nesta proposta de considerar a prosódia da Representação do Discurso Outro, é exatamente sobre os empréstimos textuais destacados por Authier-Revuz que recai esta análise.

## 2 Caracterização do corpus e princípios para a análise da voz

Conforme já adiantamos, tomamos em consideração dois textos para a análise prosódica dos empréstimos textuais em enunciados com Representação do Discurso Outro no discurso do Ministro-Relator do “Mensalão” no Relatório-Denúncia, momento em que o Ministro expõe, no Plenário da Corte, os dizeres do Procurador-Geral da República, representante do Ministério Público Federal (MPF), na peça acusatória. É nesse momento que o Ministro-Relator lê, em voz alta, o que estava por ele preparado para ser lido em Plenário; chamamos isso que estava preparado de texto de escrito-a-ser-lido (X). O texto lido-a-ser-transcrito (Y) é o resultado da transcrição que fizemos da leitura em voz alta e sua comparação com o que estava previsto em (X), daí por que chamamos essa transcrição de “transcrição-comparação”.

Obtivemos acesso ao texto escrito-a-ser-lido (X) no site oficial do Supremo Tribunal Federal, no qual a Corte publicou o Acórdão da Ação Penal 470, em que consta o inteiro teor do que foi discutido em Plenário: tanto os textos preparados pelos Ministros para ser lido durante o julgamento como a transcrição oficial, feita pelo próprio Tribunal, do que foi falado sem previsão. Acessamos o texto lido-a-ser-transcrito (Y) no canal oficial do Tribunal no YouTube, que reúne os vídeos das sessões de julgamento no Plenário da Corte, transmitidas pela TV Justiça.

A transcrição-comparação, portanto, foi feita mediante a escuta dos vídeos disponíveis no YouTube e comparação com a transcrição oficial divulgada no Acórdão. A existência dessa transcrição oficial é resultado da obrigação regimental do Supremo Tribunal Federal fazer constar no acórdão a transcrição do áudio de cada julgamento, registrando, entre outros momentos das sessões, o Relatório. É por isso que consideramos (Y) como “a ser transcrito”.



Em função do propósito de realizar análise fonético-prosódica, fizemos o download dos vídeos e os convertimos para o formato de áudio .wav. A partir do acesso ao previsto em (X) e ao de fato lido ou dito em (Y), pudemos realizar a transcrição-comparação (XY) que resulta na forma de apresentação dos enunciados neste estudo, que permite a observância da relação entre (X) e (Y).

Desse modo, a transcrição-comparação (XY) aponta, além das discrepâncias, em vermelho – que marca inserções, apagamentos, substituições e hesitações de (Y) em relação a (X) –, também as pausas silenciosas com mais de 130ms, seguindo orientações da literatura (GONÇALVES, 2013). Os procedimentos adotados foram os seguintes:

- O que estava escrito-a-ser-lido mas não foi lido pelo Ministro-Relator está em vermelho tachado (assim: ~~vermelho tachado~~);
- O que não estava escrito-a-ser-lido mas foi dito pelo Ministro-Relator está apenas em vermelho (assim: ~~vermelho~~);
- Os números, quando lidos, foram transcritos por extenso (assim: 2004 (X) – dois mil e quatro (Y));
- As pausas silenciosas estão identificadas em azul por “(PX)”, onde P é de “pausa” e X é o algarismo que identifica a ordem de aparecimento dela no enunciado (assim: (P1)); foram transcritas apenas as pausas com mais de 130 ms; quando a pausa silenciosa antecede uma palavra iniciada por consoante plosiva (assim: (P1)b);
- As pausas preenchidas com “ah”, “eh”, “uh”, por exemplo, foram identificadas por “(ahX)”, onde X “ah” indica a hesitação e X é o

algarismo que identifica a ordem de aparecimento no enunciado

(assim: (ah1);

Os dois pontos indicam o alongamento do som – vocálico ou consonantal (assim: f:).

A adoção de tais procedimentos resulta na transcrição que segue, feita para um dos enunciados que constituem o corpus do estudo:

<b>Relatório - Denúncia</b>		
<i>Enunciado</i>	<i>Escrito-a-ser-lido (X)</i>	<i>Lido-a-ser-transcrito (Y)</i>
Enunciado 1	Segundo a denúncia, o falecido Vice-Presidente do Banco Rural, Sr. José Augusto Dumont, “ <i>assumiu a responsabilidade de ser a face visível dos ilícitos praticados pelos dirigentes dessa instituição financeira, que sempre tiveram plena consciência de que a lucratividade do banco advém de incontáveis transações financeiras realizadas à margem da legislação</i> ” (fls. 5705).	Segundo a denúncia, o falecido Vice-Presidente do Banco Rural, Senhor José Augusto Dumont, (P1) <i>aspas</i> (P2) “ <i>assumiu a responsabilidade de ser a face visível dos ilícitos (P3)p praticados pelos dirigentes dessa instituição financeira (P4)k, que sempre tiveram plena consciência de que a lucratividade do banco (P5)advém de incontáveis transações financeiras (P6) realizadas—relalizadas à margem da legislação” (fls. 5705)f:echaaspas</i>

O foco da nossa análise da Representação do Discurso Outro é, justamente, a característica de empréstimos textuais como os do Enunciado 1, marcados tipograficamente no texto escrito-a-ser-lido (X) e anunciados quando oralizados no texto lido-a-ser-transcrito (Y). Essa relação entre (X) e (Y) justifica a importância dos procedimentos de transcrição-comparação

adotados, considerando que a preocupação é com o aspecto fonético-prosódico da voz enquanto materialidade.

O software utilizado tanto para a medição das pausas em azul como para todas as análises fonético-prosódicas da voz foi o Praat (BOERSMA; WEENINK, 2005). Fundamentalmente, as medidas acústicas que interessaram estão relacionadas à duração, à frequência fundamental ( $f_0$ ) e à intensidade. Como explicam Barbosa e Madureira (2015, p. 69), a duração, medida em segundo (s), é “uma medida do tempo transcorrido entre dois eventos singulares”. A frequência fundamental, medida em Hertz (HZ), é o correlato acústico da vibração das pregas vocais, correspondente à taxa em que o padrão da onda sonora se repete; é tratada como um dos principais parâmetros para estudos prosódicos (ARANTES, 2011).

A intensidade, medida em decibéis (dB), diz respeito à quantidade de energia da onda sonora. À intensidade, está relacionada a ênfase espectral, medida acústica que diz respeito ao esforço vocal. A ênfase espectral “é definida, para os sons vocálicos, como a diferença entre a intensidade acústica do sinal integral e a intensidade do sinal submetido a um filtro passa-baixas com um limite de banda superior”, conforme definição de Traunmuller; Eriksson (2000, p. 3440).

A partir desses três parâmetros acústicos – duração, frequência fundamental e intensidade –, as análises fonético-prosódicas empreendidas neste estudo consideram alguns descritores estatísticos baseados nas medidas de tendência central ou posição média aritmética – referida aqui apenas por “média” – e mediana.

A média é obtida através da divisão da soma das observações pelo número de observações, razão por que é considerada uma medida sensível aos valores extremos da amostra. A mediana, diferentemente, indica a posição central da série de dados observados a partir da ordenação crescente dos valores de cada observação, atenuando o efeito dos valores das extremidades, o que justifica sua maior robustez nos estudos fonéticos (ARANTES, 2014, p. 219).

Com base nesses descritores estatísticos e nos parâmetros acústicos eleitos, utilizamos um algoritmo adaptado de Barbosa (2014) capaz de realizar extração automática de medidas acústicas, das quais, para este estudo, interessam as seguintes: duração (dur); média de intensidade (intmed); mediana de intensidade (intqtl); mediana de frequência fundamental (f0qtl); média de frequência fundamental (f0med); e ênfase espectral.

Assim, a partir dos procedimentos para obtenção, transcrição e descrição fonética-acústica dos enunciados, podemos fazer algumas observações sobre a prosódia nos empréstimos textuais na Representação do Discurso Outro no discurso do Ministro-Relator do “Mensalão” durante o julgamento pelo Supremo Tribunal Federal.

### **3 Caracterização dos empréstimos textuais no Relatório-Denúncia do “Mensalão”**

#### *3.1 Empréstimos textuais no texto escrito-a-ser-lido (X)*

No texto escrito-a-ser-lido (X), identificamos 30 enunciados com Representação do Discurso Outro no Relatório-Denúncia do “Mensalão”. A zona de RDA mais frequente é a Modalização da Asserção como Segunda (MAS), enquanto que nenhum enunciado foi identificado como pertencente à zona do Discurso Direto (0/30).

Sobre as zonas de RDA nesses enunciados, o que chama a atenção é a predominância de enunciados na forma complexa (20/30), ou seja, de enunciados em que, sob o domínio de uma zona de RDA, há também outra estrutura que pode ser interpretada como que representando o discurso outro, como já previra Authier-Revuz (2008;no prelo). Entre esses enunciados em que a RDA é complexa, 18 apresentaram empréstimos, dos quais sete se caracterizam como empréstimos textuais. Os empréstimos

textuais aparecem, predominantemente, em enunciados dominados pela Modalização da Asserção como Segunda (4/7), como no Enunciado 1, já apresentado, que representa as regularidades encontradas nos sete enunciados analisados.

Identificação do Enunciado	Modalização da Asserção como Segunda Complexa (MASC) - empréstimo textual marcado (3/14)	
	Escrito-a-ser-lido (X)	Lido-a-ser-transcrito (Y)
Enunciado 1	Segundo a denúncia, o falecido Vice-Presidente do Banco Rural, Sr. José Augusto Dumont, <i>“assumiu a responsabilidade de ser a face visível dos ilícitos praticados pelos dirigentes dessa instituição financeira, que sempre tiveram plena consciência de que a lucratividade do banco advém de incontáveis transações financeiras realizadas à margem da legislação”</i> (fls. 5705).	Segundo a denúncia, o falecido Vice-Presidente do Banco Rural, Senhor José Augusto Dumont, (P1) <b>aspas</b> (P2) <i>“assumiu a responsabilidade de ser a face visível dos ilícitos (P3)praticados pelos dirigentes dessa instituição financeira (P4)k, que sempre tiveram plena consciência de que a lucratividade do banco (P5)advém de incontáveis transações financeiras (P6)realizadas—relalizadas à margem da legislação”</i> (fls. 5705)f:echa <b>aspas</b>

A marcação do empréstimo textual, em (X), é feita através de marcas tipográficas – aspas e itálico. Em todos os sete enunciados com empréstimo textual, esse foi o tipo de marcação encontrada no texto lido-a-ser-transcrito. Interessa à presente análise como esses empréstimos foram marcados no texto lido-a-ser-transcrito (Y), quando lidos em voz alta pelo Ministro-Relator do “Mensalão” no Plenário do Supremo Tribunal Federal.

### 3.2 Empréstimos textuais no texto lido-a-ser-transcrito (Y)

Conforme a transcrição-comparação do Enunciado 1, verificamos que a marcação tipográfica com aspas e itálico no texto escrito-a-ser-lido (X) foi anunciada pelo Ministro-relator no texto lido-a-ser-transcrito (Y). Identificamos tanto a anúnciação de abertura – antes do empréstimo, através da inserção de “aspas” – como a anúnciação de fechamento – depois do empréstimo, com a inserção de “fecha aspas”.

Todos os outros enunciados do corpus que contêm empréstimos textuais marcados tipograficamente com aspas e itálico no texto escrito-a-ser-lido (X) tiveram anúnciação de abertura no texto lido-a-ser-transcrito (Y). A anúnciação de fechamento não se verificou em três enunciados.

Apenas a visualização da transcrição-comparação do Enunciado 1 já permite observar que o empréstimo textual está encerrado no nível segmental, seja em (X), através das marcações tipográficas, seja em (Y), através da anúnciação. No entanto, realizar essa observação não alcança o nível de análise suprasegmental – fonético-prosódico; não diz, portanto, sobre as características fonético-prosódicas dos empréstimos textuais na Representação do Discurso Outro.

Propomos, então, a descrição fonético-prosódica do Enunciado 1, que nos levará a reflexões importantes sobre a prosódia da Representação do Discurso Outro, particularmente sobre os casos de empréstimos textuais e a relação entre as marcas tipográficas no texto escrito-a-ser-lido (X) e sua anúnciação no texto lido-a-ser-transcrito (Y). Interessam fundamentalmente as características fonéticas de sete segmentos de fala, que foram segmentados e etiquetados no software Praat para que, depois, pudessem ter suas medidas acústicas extraídas.

## Enunciado 1

Segmento 1 - segmento que contém todo o enunciado – [Segundo a denúncia [...] **f:echa aspas**];

Segmento 2 - segmento que contém o sintagma modalizador da asserção e a porção do enunciado não marcada como pertencendo ao discurso do outro – [segundo a denúncia [...] Augusto Dumont”];

Segmento 3 - segmento que contém apenas o sintagma modalizador – [Segundo a denúncia];

Segmento 4 - segmento que contém o discurso do Ministro-Relator no ato de enunciação se fazendo (A) - [o falecido [...] Dumont];

Segmento 5 - segmento que contém a anunciação de abertura – [aspas];

Segmento 6 - segmento que contém o empréstimo textual do discurso outro – [assumiu [...] legislação];

Segmento 7 - segmento que contém a anunciação de fechamento [f:echa aspas].

Os valores das medidas acústicas consideradas reveladoras da prosódia da Representação do Discurso Outro, obtidos no Praat, são apresentados na Tabela 1.

*Tabela 1 - Medidas acústicas para segmentos do Enunciado 1; extração via script*

Seg.	dur(s)	Intmed (dB)	Intqtl (dB)	f0qtl (Hz)	f0med (Hz)	Ênfase Espectral
1	26,391	61	63	144	153	11

2	4,763	63	64	143	154	12
3	0,832	64	65	153	166	13
4	3,931	63	63	140	152	12
5	0,553	59	60	120	112	14
6	19,508	61	63	146	153	11
7	0,848	53	54	107	113	12

Do que se pode observar da Tabela 1, destaca-se que, dos 26,391 segundos correspondentes à duração de todo o Enunciado 1 (Segmento 1), 19,508 segundos (73,91%) do tempo são ocupados pelo empréstimo textual do discurso da acusação (segmento 6). Essa razão explica por que o Segmento 1 e o Segmento 6 têm semelhança ou identidade nas medidas relacionadas à frequência fundamental e à intensidade, uma vez que, por ocupar a maior parte do tempo do enunciado se fazendo (E), o enunciado emprestado tem suas características fonéticas dominantes no segmento maior de fala.

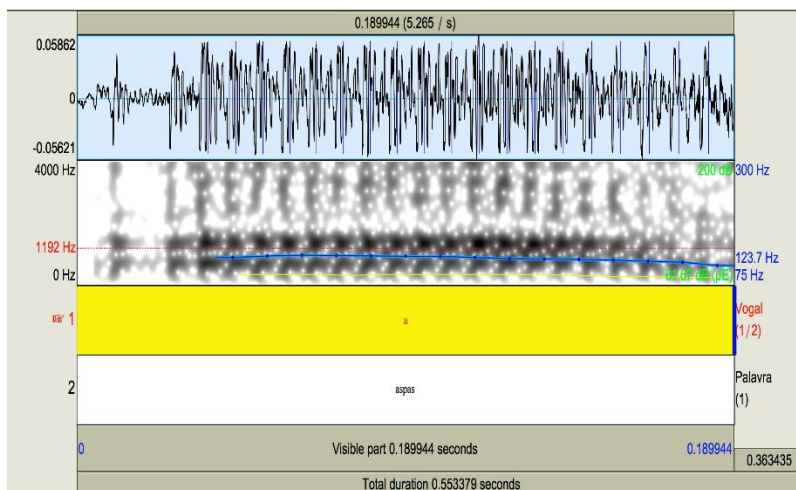
Tratemos, especificamente, da caracterização prosódica dos sintagmas introduzidos no texto lido-a-ser-transcrito (Y) para anunciar os empréstimos marcados. Como se verifica na leitura da transcrição-comparação do Enunciado 1, a inserção de [aspas] dá-se entre duas pausas silenciosas – P1 e P2 – encerrando o segmento em um pequeno constituinte prosódico, configurando o que, com inspiração na terminologia de “ilhota textual” de Authier-Revuz, propomos chamar de “ilhota prosódica”.

Essa ilhota prosódica que se estabelece pela existência de pausa nas adjacências tem característica espectral que chama atenção em todo o enunciado. Como se pode observar na Tabela 1, a distribuição de energia no espectro na produção de [aspas], especificamente a medida relativa à diferença de intensidade entre bandas de frequências altas e baixas, aferida pelo cálculo da ênfase espectral (dB), é de 14 dB, enquanto que a ênfase espectral do segmento que contém todo o enunciado (Segmento 1) é 11dB, do segmento que contém o sintagma modalizador e o segmento do discurso



do Ministro-Relator (Segmento 2) é 12dB e do segmento que corresponde ao empréstimo textual (Segmento 6) é 11dB. Esse resultado indica que a anúnciação de abertura das aspas, introduzindo o empréstimo textual do discurso da acusação, é produzida com maior esforço vocal, já que, quanto maior a ênfase espectral, maior o esforço vocal (BARBOSA; MADUREIRA, 2015).

Com esse resultado, argumentamos a favor da existência de uma ilhota prosódica com duas características fundamentais: é circundada por pausas e tem ênfase espectral maior que os segmentos adjacentes, ou seja, maior esforço vocal. Esse maior esforço vocal na produção de [aspas] induz à análise mais detalhada dos aspectos acústicos desse segmento, que podem indicar características fonatórias da fala do Ministro-Relator. A ilustração na Figura 2 contribui para a análise.



**Figura 2- Espectrograma de banda larga (janela de 5 ms) e forma de onda da vogal tônica [a] da anúnciação de [aspas] no Enunciado 1**

Na Figura 2, a seta indica que, no início da produção da vogal, é possível constatar, tanto pela observação do espectrograma (para onde aponta a seta vertical, em vermelho) como da forma de onda (onde está a linha horizontal, em vermelho), aspectos acústicos que caracterizam a existência de uma vogal laringalizada, típica de um tipo de fonação designado como “voz crepitante”. A linha horizontal em vermelho, na forma de onda, indica a diminuição da amplitude de onda e ausência de pulsos glotais. Os sons vocálicos caracterizam-se por ondas periódicas complexas, ou seja, mais de uma senóide que repete no tempo seu ciclo de vibração. A observação da forma de onda do início da vogal tônica de [aspas], porém, permite verificar a aperiodicidade daquele ponto do sinal de fala. A análise do espectrograma, por sua vez, possibilita observar a ausência de vibração das pregas vocais no início do fone. Como explicam Keating et al (2015, p. 2), a irregularidade da frequência fundamental na voz crepitante é a causa da aperiodicidade da forma de onda e, também, do fato de o pitch (seu correlato perceptual) não aparecer no espectrograma, o que fica evidente, na Figura 2, pela inexistência da linha azul na porção relativa ao início da vogal tônica de [aspas].

Assim, quanto à caracterização fonética da anunciação de abertura do Enunciado 1, contida no segmento de fala 5, pôde-se constatar acusticamente a produção com um tipo de fonação crepitante na vogal inicial e, também, com maior ênfase espectral, fatores que, analisados em conjunto, permitem identificar maior esforço vocal; quanto ao aspecto rítmico, esse segmento é encerrado entre duas pausas. Configura-se desse modo, então, a ilhota prosódica, destacada do restante da cadeia da fala tanto pelo silêncio das pausas que a circundam como pelo esforço vocal aumentado.

Importa investigar, com base nos achados sobre Enunciado 1, se há algum padrão fonético-prosódico na anunciação dos empréstimos textuais no discurso do Ministro-Relator do “Mensalão” no Relatório-Denúncia. Para tanto, é necessário que se descrevam fonético-prosodicamente os outros enunciados do corpus que contêm empréstimos textuais com anunciação. Nesse sentido, a análise dos Enunciados 2, 3, 4, 5, 6 e 7 foi realizada de

acordo com os procedimentos metodológicos seguidos para a análise do Enunciado 1: segmentação e etiquetagem no software Praat e posterior extração de medidas acústicas mediante script.

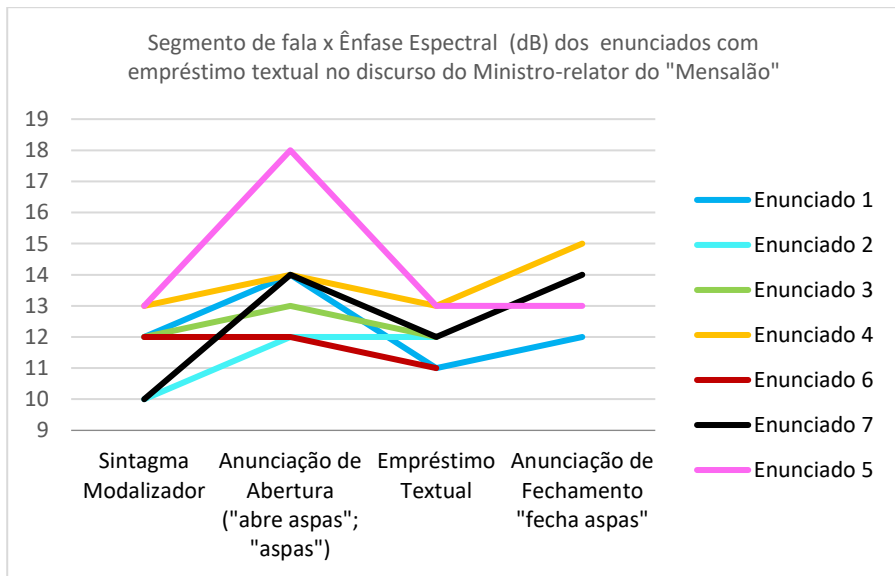
Dos resultados obtidos, seguindo o achado em relação ao Enunciado 1, chama a atenção o parâmetro acústico ênfase espectral dos segmentos de fala correspondentes à anúnciação dos empréstimos textuais. A Tabela 2 apresenta os valores de ênfase espectral para quatro segmentos analisados. A coluna “enunciado” identifica o enunciado do corpus; a coluna “Sintagma modalizador ou Sintagma Introdutor” apresenta os valores de ênfase espectral para o que antecede a anúnciação; a coluna “Anúnciação de Abertura” traz os valores do parâmetro no segmento que anuncia o empréstimo; a coluna “Empréstimo Textual” recebe os valores de ênfase espectral referentes ao segmento de fala tomado emprestado do discurso do outro; e a coluna “Anúnciação de Fechamento” mostra os valores do parâmetro no segmento que anuncia o fechamento do empréstimo.

Enunciado	Ênfase Espectral (dB)			
	Sintagma Modalizador ou Sintagma Introdutor	Anúnciação de Abertura (“abre aspas”; “aspas”)	Empréstimo Textual	Anúnciação de Fechamento “fecha aspas”
Enunciado 1	12	14	11	12
Enunciado 2	10	12	12	-*
Enunciado 3	12	13	12	-*
Enunciado 4	13	14	13	15
Enunciado 5	13	18	13	13
Enunciado 6	12	12	11	-*
Enunciado 7	10	14	12	14

\*Enunciado sem anúnciação de fechamento

**Tabela 2 - Medidas de Ênfase Espectral (dB) dos segmentos de fala dos enunciados com empréstimo textual**

A Tabela 2 permite observar que, nos 7 enunciados que contêm anunciação dos empréstimos textuais, os valores de ênfase espectral são maiores nos segmentos de fala em que é anunciado o empréstimo textual, seja para abri-lo, seja para fechá-lo. No segmento de anunciação de abertura, em que é dito “aspas”, há um pico de ênfase espectral, no valor que representa a diferença de intensidade entre regiões de frequência distintas. Esse pico fica evidente no gráfico apresentado na Figura 3.



**Figura 3 - Comportamento do parâmetro acústico ênfase espectral ao longo dos enunciados com empréstimo textual**

Na Figura 3, cada linha colorida representa um dos 7 enunciados com anúnciação dos empréstimos. Como se pode verificar no contorno, à exceção do Enunciado 6, representado pela linha avermelhada, todos os outros enunciados apresentam aumento de ênfase espectral no segmento que anuncia o início do empréstimo textual. Também, três dos quatro enunciados que têm anúnciação de fechamento apresentam uma suba de ênfase espectral em relação ao segmento que o antecede. Assim, os pontos máximos do contorno de ênfase espectral dos enunciados coincidem com os segmentos de fala em que está a anúnciação do empréstimo; são os pontos de máximo esforço vocal no enunciado.

Esse resultado reforça o achado obtido na análise feita para o Enunciado 1, quando identificamos que a ênfase espectral do segmento de fala inserido na anúnciação do empréstimo contribui para a criação de uma

ilhota prosódica suprasegmentalmente destacada dos outros segmentos de fala. A Figura 3, então, evidencia que, em todos os enunciados do corpus com empréstimo textual, marcados tipograficamente no texto escrito-a-ser-lido (X) com aspas e itálico, a anúnciação desse empréstimo, no texto lido-a-ser-transcrito (Y), foi feita com maior esforço vocal, construindo uma ilhota prosódica.

Além disso, assim como no Enunciado 1, também nos outros enunciados com empréstimo textual identificamos que esse destaque suprasegmental da anúnciação do empréstimo é fortalecido pela existência de pausas antecedentes e subsequentes.

A Tabela 3 apresenta os valores das durações das pausas adjacentes aos segmentos de fala com anúnciação nos sete enunciados.

Enunciado	Anúnciação de Abertura		Empréstimo		Enunciado		Anúnciação de Fechamento	
	PA(a)	PS(a)	Média	Mediana	Média	Mediana	PA(f)	PS(f)
Enunciado 1	0,36	0,358	0,421	0,433	0,4	0,379	0,00	-*
Enunciado 2	0,796	0,141	0,407	0,419	0,418	0,419	-	-
Enunciado 3	0,534	0,00	0,387	0,3865	0,436	0,443	-	-
Enunciado 4	0,00	0,133	0,272	0,272	0,337	0,314	0,00	-
Enunciado 5	0,00	0,163	0,243	0,222	0,335	0,364	0,00	-
Enunciado 6	0,196	0,195	0,379	0,401	0,319	0,319	-	-
Enunciado 7	0,461	0,314	0,41	0,335	0,402	0,356	0,00	-

**Tabela 3- Duração, em segundos (s), das pausas antecedentes (PA) e subsequentes (PS) aos segmentos da anúnciação de abertura (a) e de fechamento (f) e média e mediana de duração, em segundos (s), das pausas internas aos segmentos com empréstimos textuais e do enunciado inteiro**

A Tabela 3 mostra que cinco dos sete enunciados com empréstimos textuais têm a anúnciação de abertura do empréstimo antecedida e sucedida

por pausas silenciosas – PA(a) e PS(a) –, conforme foi apontado pela análise do Enunciado 1.

Os resultados apresentados permitem verificar que a ênfase espectral e a duração das pausas são medidas fonéticas relevantes para a caracterização prosódica dos empréstimos textuais na Representação do Discurso Outro no discurso do Ministro-Relator do “Mensalão” no Relatório-Denúncia. Com esses achados, podem ser feitas algumas observações sobre a prosódia da RDA.

#### **4 Consequências da análise do estatuto prosódico**

A verificação da existência de uma ilhota prosódica nos segmentos de fala que anunciam o início do empréstimo textual conduz à reflexão sobre as consequências da observância da prosódia para as análises no campo da Representação do Discurso Outro. Argumentamos, nesse sentido, que a força prosódica da anunciação do empréstimo textual, causada tanto pelo maior esforço vocal quanto pela suspensão da fala implicada pelas pausas que a encerram, alteram a configuração enunciativa do enunciado, de modo a estabelecer maior distanciamento entre o enunciado representado – no empréstimo – e o enunciado do ato de enunciação se fazendo.

Desse modo, se a anunciação prosodicamente destacada, no texto lido-a-ser-transcrito (Y), dos empréstimos textuais, marcados no texto escrito-a-ser-lido (X) tipograficamente com aspas e itálico, está sendo interpretada como uma marca do maior distanciamento entre o discurso do Ministro-Relator e o discurso outro, é interessante retomar o que disse Authier-Revuz sobre os efeitos de distanciamento pretendidos pelo locutor nas diferentes zonas de RDA.

É na zona do Discurso Direto que Authier-Revuz (no prelo) identifica o maior distanciamento entre o discurso um e o discurso outro. No Discurso Direto, como aponta a autora (AUTHIER-REVUZ, 2004), o locutor

desempenha a função de mero porta-voz das palavras do outro, as quais, de fato, são as que ocupam o espaço e o tempo na enunciação; o locutor abre, no seu discurso, espaço e tempo para o discurso do outro.

Do ponto de vista fonético-prosódico, verificamos, a partir da análise do Enunciado 1, que as características prosódicas do segmento de fala relativo ao empréstimo textual – duração, frequência fundamental e intensidade – dominaram o enunciado, sendo muito semelhantes ou mesmo idênticas às características prosódicas do enunciado inteiro. Com base nos resultados alcançados pela análise prosódica, argumentamos que os empréstimos textuais desses enunciados são marcados de tal modo a possibilitar a emergência do Discurso Direto.

Ocorre que, conforme descrevemos do texto escrito-a-ser-lido (X), entre os 30 enunciados com RDA no Relatório-Denúncia do discurso do Ministro-Relator do “Mensalão”, nenhum apresentou aspectos – semióticos, semânticos e de ancoragem enunciativa – que o caracterizasse como pertencente à zona do Discurso Direto. Trata-se, portanto, de um indício de que, pela análise prosódica, observa-se, entre texto escrito-a-ser-lido (X) e texto lido-a-ser-transcrito (Y), uma discrepância que diz respeito às zonas da Representação do Discurso Outro.

Ressaltamos, a favor dessa afirmação, que não é apenas a inserção, em (Y), da anúnciação do empréstimo textual marcado com aspas e itálico em (X) que nos conduz ao argumento de que pode se estar diante da zona do Discurso Direto. Mais do que isso, é justamente a caracterização prosódica dessa anúnciação que substancia nosso argumento, mostrando a importância da análise fonético-prosódica no campo da Representação do Discurso Outro. Por isso que, ao lado dos estatutos semiótico, semântico e de ancoragem enunciativa apresentados por Authier-Revuz, colocamos o estatuto prosódico como fundamental para interpretação das zonas de RDA.

## **5 Considerações finais**



Com este estudo, apresentamos a caracterização dos empréstimos textuais no discurso do Ministro-Relator do “Mensalão” ao representar o discurso da acusação no Relatório-Denúncia, em uma análise que buscou relacionar o que estava escrito-a-ser-lido (X) e o que de fato foi lido-a-ser-transcrito (Y). As respostas às questões que nortearam as análises conduziram à reflexão sobre a importância do nível suprasegmental de descrição da Representação do Discurso Outro.

No que diz respeito ao questionamento sobre como os empréstimos textuais são marcados no texto escrito-a-ser-lido (X), identificamos que todos os empréstimos textuais do Relatório-Denúncia foram marcados tipograficamente com aspas e itálico. Com isso, observa-se, em (X), a criação de ilhotas prosódicas no domínio das zonas de RDA, como a Modalização da Asserção como Segunda, que foi a mais frequente entre os 30 enunciados do corpus.

A partir da transcrição-comparação que deu origem ao texto lido-a-ser-transcrito (Y), pudemos observar que as marcações tipográficas realizadas em (X) resultaram na anúnciação do empréstimo textual quando lido em voz alta pelo Ministro-Relator, seja anúnciação de abertura com “aspas”, seja anúnciação de fechamento com “fecha aspas”.

A análise dos aspectos fonético-prosódicos dos empréstimos textuais revelou que, dada sua extensão no enunciado, dominam as características relacionadas a duração, intensidade e frequência fundamental. O estudo fonético mais detalhado dos segmentos de fala da anúnciação de abertura e da anúnciação de fechamento permitiu caracterizar tais segmentos como ilhotas prosódicas que destacam o empréstimo textual na cadeia da fala. A inserção não causa, portanto, apenas uma ruptura no nível segmental, na linearidade sintagmática, mas, principalmente, uma ruptura marcante no nível suprasegmental, a cuja força, pelos valores de esforço vocal e de duração, apenas se pode acessar pela análise fonético-prosódica.

A força dessa ruptura prosódica causada pela anúnciação dos empréstimos textuais conduziu à reflexão sobre as consequências de se observar o estatuto prosódico para a análise da Representação do Discurso

Outro, especialmente no que diz respeito às zonas de representação. Trouxemos argumentos a favor de se considerar que a ilhota prosódica pode ser um indício de que, no texto lido-a-ser-transcrito (Y), diferentemente do texto escrito-a-ser-lido (X), há Discurso Direto.

Tal argumento tem como consequência enunciativa um maior distanciamento entre o discurso do Ministro-relator e o discurso da acusação, entre o discurso do uma o discurso do outro. Trata-se de um locutor que tenta marcar fortemente a diferença entre o que é e o que não é seu, servindo ao discurso do outro apenas como porta-voz, num ilusório controle da responsabilização por aquilo que diz.

Às observações feitas neste estudo, é possível que se dê consequência discursiva aos resultados encontrados sobre a Representação do Discurso Outro no discurso do Ministro-Relator do “Mensalão”, especialmente sobre os empréstimos textuais do discurso da acusação. Em outras palavras, pretendemos dizer que a análise da relação entre texto escrito-a-ser-lido (X) e texto lido-a-ser-transcrito (Y) pode trazer contribuições para o entendimento do funcionamento do discurso jurídico, sobretudo se considerando que os meios de acesso a (X) e a (Y) – o Acórdão da Ação Penal, no site oficial do Supremo Tribunal Federal, e os vídeos do julgamento, no canal oficial da Corte no YouTube – são práticas discursivas de divulgação jurídica da sociedade espetacular.

## Referências

ARANTES, P. Implementação em Praat de algoritmos para descrição de correlatos acústicos da prosódia da fala. In: II Jornada de Descrição do Português, 2011, Cuiabá. Anais da II Jornada de Descrição do Português, 2011. p. 32-38.

\_\_\_\_\_, P. Estimativas de longo termo da frequência fundamental: implicações para a fonética forense. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v. 12, p. 217-236, 2014.

AUTHIER-REVUZ, J. Les formes du discours rapporté - Remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés. DRLAV 17, 1978b, p. 1-78.

\_\_\_\_\_. [1981]. Palavras mantidas a distância. In: Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. [1982]. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: \_\_\_\_\_ Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. [2001, 2004]. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. *Caleidoscópio*, Vol. 6, n.2, p. 107-119, maio/ago 2008.

\_\_\_\_\_. La représentation du discours autre : principes pour une description. Paris: De Gruyter, no prelo.

BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. Manual de Fonética Acústica Experimental. Aplicações a dados do português. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

DEBORD, G. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DOROW, C.M.F. Mentira ou verdade? Marcas prosódicas assinalando sentidos no discurso do tribunal do júri. Tese de Doutorado. Universidade Católica de Pelotas, 2013.

ERNST, A. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. Trabalho apresentado no IV Seminário de Estudos em Análise de Discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

KEATING, P; GARELLEK, M; KREIMAN, J. Acoustic properties of different kinds of creaky voice. Proceedings of ICPHS, 2015. Disponível em [http://idiom.ucsd.edu/~mgarellek/files/Keating\\_etal\\_2015\\_ICPhS.pdf](http://idiom.ucsd.edu/~mgarellek/files/Keating_etal_2015_ICPhS.pdf).

NESPOR, M. VOGEL, I. Prosodic phonology. Dordrecht: Foris, 1986.

PÊCHEUX, M. [1969]. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Trad. Eni P. Orlandi. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2010.

SIGALES-GONÇALVES, J.S. A voz no discurso jurídico: o Supremo Tribunal Federal entre a madeira e o vento. In: Maliska, Maurício Eugênio; Souza, Pedro de. (Org.). Abordagens da voz a partir da análise de discurso e da psicanálise. 01ed. Campinas: Pontes, 2017, v.01 p.165-175

\_\_\_\_\_. Sobre os sentidos do “Mensalão”: contribuições da materialidade prosódica. Tese de Doutorado inédita. Universidade Católica de Pelotas, 2013.

SOUZA, P. Os suprasegmentos como índices da subjetivação na enunciação oral. In: Revista da ANPOLL, n. 9. São Paulo, Humanitas, p. 155-185, 2000.

VINHAS, L. Discurso, corpo e linguagem: Processos de subjetivação no cárcere feminino. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2014.